

“DEOSA CAPRICHOSA”: A MULHER, A MODA E O DISCURSO NACIONAL EM O MENTOR DAS BRASILEIRAS*

Adelaine LaGuardia Resende (UFSJ)

Introdução

No início dos Oitocentos, com a abertura dos portos e a intensificação do comércio e das importações, a moda de inspiração francesa, trazida pela aristocracia portuguesa, se torna febre nos meios urbanos brasileiros. A preocupação com o tema da moda e o luxo está presente no periódico liberal-constitucional *O Mentor das Brasileiras*, dirigido ao público feminino, que circulou na cidade de São João del-Rei entre 1829 e 1832. A presença do tema da moda no jornal, além de constituir uma estratégia que visava atrair o interesse do público feminino, reflete o investimento do discurso desse jornal na construção de um modelo de nação distinto de seus “Outros” (os estrangeiros) pelo aspecto de sua exterioridade.

Segundo Jean Franco, enquanto os moralistas viam a moda feminina como uma frivolidade, parte da intelectualidade liberal considerava-a como “signo de uma mentalidade moderna” (1994, p. 118), um domínio em que o agenciamento feminino era possível. A moda constitui então um dos primeiros sistemas significantes que só aparentemente sublinhava a diferenciação sexual. Sob esse ângulo, pode-se ver a moda como tema aglutinador de um debate que envolve distintas visões de mundo, num momento em que se discutia entre nós a participação de homens e mulheres na construção de um modelo de “pátria” civilizada e progressista, nos moldes das civilizações européias.

Neste ensaio, recorte de um projeto de pesquisa em que analisamos a atuação da mulher na construção de um sonho da República na imprensa brasileira oitocentista, discutimos como o tema da moda mobilizava não apenas o interesse político dos redatores do *Mentor* em expressar uma identidade nacional “autenticamente brasileira”, em contraste com a européia, mas também sua intenção de monopolizar um local da cultura onde a presença feminina poderia representar uma ameaça ao *status quo*. Ao fazê-lo, flagramos momentos que expressam o dissenso das leitoras.

Deosa Caprichosa

No discurso do *Mentor*, a adesão à moda é vista como fruto da imposição estrangeira, uma herança cultural da monarquia européia (considerada frívola, pródiga e ociosa), enfim um mal a ser evitado pelos cidadãos “americanos”. Essa visão de “pátria”, associada a um caráter “americano” supostamente distinto daquele representado pela sensibilidade européia, revela a ambigüidade das relações do Brasil com a Europa, já que na construção de seus ideais políticos a *intelligentsia* liberal brasileira bebia de fontes européias libertárias. A moderação nos usos e costumes, recomendada pelo jornal, reveste-se de um sentido eminentemente político. Segundo o *Mentor*, a regra da moda se assentava no “capricho dos estrangeiros” que dela retiravam muitas vezes os únicos meios de sua subsistência, ao mesmo tempo em que sujeitavam as famílias brasileiras ao desperdício de seu patrimônio. Assim, no apego ao luxo e à moda é diagnosticado “o primeiro móvel da ruína dos Estados”, associado ao ideário monárquico:

O Luxo he hum dos principaes agentes do despotismo; elle tem o poder de seduzir e corromper os corações, desviando dos sentimentos de virtude e de amor da Pátria, essa sublime partilha com que a natureza dotou os peitos Americanos. (*Mentor*, n.109, 1832, p. 870)[†]

Contudo, as restrições à “Deosa Caprichosa” têm outras razões de ser. Para registrar as novidades européias, o *Mentor* lança mão da seção “Moda” ou de transcrições do *Simplício*, um periódico publicado na Corte durante o ano de 1831, o qual, informa seu redator, tinha por fim: “...censurar com graça os vícios de nosso século”. Isso incluía não só a crítica política ao

Governo, mas, principalmente, a crítica social ou dos costumes, tudo feito em tom jocoso. É assim, por exemplo, que comentava a adesão feminina “às modas”:

Embora as filhas ignorem as cousas mais necessárias à vida, e desconheçam quaes os deveres que tem a cumprir quando Esposas e Mães; embora não aprendão a ler, escrever, contar e cozer; tudo fica bem compensado com os tregeitos no miudinho; ... e as fieiras bem puxadinhas com seos estados engraçados. O Pai que escame o peixe, que varra a casa e tome os pontos às meias, se quizer jantar, e cubrir os calcanhares, para dar tempo às Senhoras e suas filhas, de cuidarem nos adornos e enfeites que devem apparecer infallivelmente no dia seguinte! (*Mentor*, n. 60, 1831, p. 475)

A moda é vista como lei implacável que aprisiona as mulheres, pois reforça sua propensão “natural” a se dedicar a coisas supérfluas e agradar ao homem, como sugere a passagem abaixo:

Os homens triunfão quando discorrem sobre a sujeição das Senhoras aos decretos da Moda, e entretanto talvez que ainda mais escravizados sejam pela volúvel Deosa, e sem ter as mesmas desculpas. As Senhoras, obrigadas pela Lei da Natureza a agradar aos homens, e quasi sempre o não conseguem senão pela sua formosura e vantagens exteriores, estão na restricta necessidade de estudar os meios de relevarem a sua belleza, e de variarem os enfeites que a acompanhão, em quanto que aos homens que se appresentão na sociedade com as vantagens do valor, da sciencia, dos empregos, e da industria, nada diz também como hum modo de vestir singelo, se bem que limpo, e mal se pode conceber que a fútil occupação de aperfeiçoar os seos trajes, consumindo horas e horas, combine com os estudos, e trabalhos serios, e que o Petimetre apuradinho que se meneia na rua com a cintura tão delgadinha, e o pé empresionado n’hum botinzinho bom para uma criança, venha a ser algum dia hum Cidadão corajoso e interessante. Entretanto, temos exemplos de homens grandes e heroes, que muito apuravão a sua *toilette* por tanto nos não reprehendemos tanto a sujeição dos homens às modas, como elles querem inculpar as Senhoras e às censurar da mesma fragilidade. (*Mentor*, n. 1, 1829, p.6-7)

A restrição do *Mentor* à moda pode também estar associada ao receio de que a contínua lógica de renovação ou reinvenção por ela inaugurada pudesse comprometer os valores tradicionais – temor associado, portanto, ao conservadorismo do próprio jornal. Mas para além do que o discurso revela, pode-se supor que esse temor estaria associado ao fato de que o exercício da opinião propiciado pela moda acabaria por comprometer a tradicional divisão sexual do trabalho. Segundo essa lógica, as mulheres deveriam se ocupar de “cousas mais necessárias à vida”, cumprindo seu destino enquanto Esposas e Mães na lida diária dentro de casa, seja cozinhando ou cosendo. O humor dessa reflexão resulta da ameaça pressentida de que as funções atribuídas tradicionalmente aos gêneros fossem invertidas, passando o homem a ter que realizar as tarefas domésticas comumente atribuídas às mulheres. Além disso, o modismo é visto como um “mal” que não atinge apenas as mulheres: trata-se de uma ameaça à estabilidade da sociedade como um todo. No entanto, é à frivolidade do sexo feminino ou à sua propensão “natural” de agradar ao homem pela aparência que se atribui a febre da moda. Este tipo de generalização, essencial ao funcionamento ideológico, deve ser relativizado à luz da reflexão de Heleieth Saffioti sobre a participação masculina na introdução de inovações culturais no País:

Pela sua imobilidade geográfica e seu universo sócio-cultural restrito, a mulher era, inegavelmente, mais conservadora do que o homem, representando, portanto, o elemento de estabilidade da sociedade. Eram os filhos e não as filhas da casa-grande, que recebiam educação na Europa e que promoviam as inovações sociais e políticas e até mesmo alterações na moda feminina. (1976, p. 173)

Curiosamente, no excerto retirado do *Mentor*, lê-se também a fantasia que se constrói em torno do homem “rigorista”, estereotipicamente representado na figura do *petit maitre* “apuradinho”. Trata-se da antítese do “Cidadão corajoso e interessante” que constitui o ideal da masculinidade brasileira, tão propalada nas páginas do jornal. Esses “bonecrinhos

afrancezados”, de cintura delgadinha e com os pés calçados em “botinzinhos”, possivelmente representavam o homem efeminado e, portanto “fraco”, para o qual não havia lugar na *polis*, uma vez que esta se constrói sobre a rigorosa distinção entre os sexos e o princípio universal da heterossexualidade. Contudo, a sobrevivência dessa estirpe masculina é profetizada no discurso do próprio *Mentor*: “(...) e se acontecer andarem de brincos, os *Petit maitres da Europa*, como he provável; teremos de ver os nossos, na lida de furarem as orelhas, visto ser moda seguirem à risca todos os mãos exemplos dessa Senhora do seo nariz!” (*Mentor*, n. 124, 1832, p. 974)

Como dito anteriormente, um dos pressupostos mais freqüentes sobre a mulher encontrados no jornal diz respeito à sua “natural” propensão a agradar o homem pela “formosura e vantagens exteriores”. Daí se conclui sobre a sua maior tendência a relevar a beleza e os atributos físicos. Para corrigir esse defeito moral e educá-la, o *Mentor* prescreve a “limpeza extremosa” e o cuidado no trajar como elementos de conservação da saúde, argumentando que no asseio exterior se reflete a “pureza” d’alma. A moderação é, novamente, elemento crucial no controle dos corpos femininos, pretensamente propensos ao excesso. Entretanto, para os males de um investimento feminino exagerado nos aspectos superficiais da existência o jornal prescreve fórmulas de comportamento igualmente “superficiais” que apenas atuam no reforço da suposta superficialidade feminina. Uma prova disso é oferecida na passagem abaixo, em que um receituário de perfeição física é apresentado às leitoras, composto de trinta qualidades que traduzem o espectro da preferência masculina:

Para que huma Senhora seja perfeita em belleza, deve possuir *trinta* qualidades seguintes: a saber _

Tres cousas brancas: a pelle, os dentes, e as mãos.
Três pretas: os olhos, as pestanas, e as sobrancelhas.
Três vermelhas: os beiços, as faces, e as unhas.
Três longas: o corpo, as mãos, e os cabellos.
Três curtas: os dentes, as orelhas, e os pés.
Três largas: o peito, a testa, e as pálpebras dos olhos.
Três estreitas: a boca, a cintura, e a planta do pé.
Três grossas: os braços, as nádegas, e a barrida da perna.
Três finas: os dedos, os cabellos, e os beiços
Três pequenas: os seios, o nariz, e a cabeça.

(*Mentor*, n. 10, 1830, p. 80)

Na verdade, o que se dá nesse discurso sobre a moda é a valorização distinta dos sexos. O homem, que se apresenta na sociedade “com as vantagens do valor, da sciencia, dos empregos, e da industria”, não será tão repreendido por se sujeitar “às modas” ou apelar para os aspectos superficiais da existência, uma vez que os costumes dificilmente o colocarão em desvantagem no espaço público, o contrário do que ocorre com a mulher.

Como um sistema significante, a moda traduz, portanto, uma “política dos corpos”, flagrada na medida em que o discurso sobre ela produz sentidos distintos destinados ao reforço das diferenças sexuais, que por sua vez justificarão o *status* desigual conferido a homens e mulheres na esfera da cidadania. A restrição à moda tem, contudo, uma razão ainda mais forte quanto mais implícita no “inconsciente político” do *Mentor*. Veja-se um indício disto na seguinte passagem: “*Neste Paiz a moda, vem da França e portanto não temos destas guias da moda, destas governadoras de bom tom, que nas outras Cortes dão leis à sociedade...*” (*Mentor*, n. 1, 1829, p. 7). O alvo dos ataques à moda parece ser, afinal, a mulher francesa e o mau exemplo que esta oferece às brasileiras, uma vez que é neste domínio que se refina o agenciamento dessas estrangeiras, sua capacidade de exercer o gosto pessoal, sua habilidade de fazer escolhas, enfim, a tão perigosa autonomia feminina...

O tema da moda mobiliza intensamente a mulher leitora deste periódico. Contudo, a mediação do *Mentor* raras vezes permite a escuta de vozes femininas, menos ainda aquelas em

dissonância com as idéias e modelos ali preconizados. Ainda assim, elas se fazem ouvir, mesmo que através de registros esparsos ou relegados às margens textuais. Daí surgem discursos variados que refletem, em maior ou menor grau, a introjeção ou a resistência aos valores implícitos na *doxa* e no discurso do jornal.

Um notável exemplo de dialogismo encontra-se registrado na coluna intitulada “São João Del-Rei”, em que o redator transcreve a conversa de duas modistas, testemunhada por ele. Motivadas pela crítica mordaz do *Simplício* à adesão feminina à moda, as mulheres expressam sua insatisfação com o que lhes parece ser uma atitude de cerceamento do jornal às suas liberdades individuais:

E não teremos nos razão das censuras, que nos fazem na simples mudança das formas de nosso traje? Não gostao os homens tanto de que na Constituição do Estado tenha o Art. 174 para fazerem as mudanças que querem na forma de seo Governo? Como pois nos querem vedar, que não tenhamos também o nosso Art. 174 na Constituição das modas? Não, minha amiga, não consintamos em tal proibição; a natureza dá a todos o gênio variável; a diversidade do sexo he huma circumstancia meramente accidental; para que pois seremos nos sos censuradas de gênio vario, se esses que de tal nos censurao cahem no mesmo defeito? Reflecta se como elles procedem naquillo, que tem o império; veja se as diversas formas de governos, que eles querem estabelecer, veja se as variedades de leis que sahem dessas Assembléas; note se a multiplicadas providencias que descem dos Tribunaes, que embaraço humas as outras, e os subtidos nem sabem à quantas andao; e não poderemos nos chamar à isto também *reformas à moda, ordem à moda, e Leis da moda?* (*Mentor*, n.117, 1832, p. 922-923)

Apelando em favor da diversidade e da variedade (categorias “carnavalescas”, nos termos de Bakhtin), a jovem inconformada recorre à mímica discursiva para subverter a lógica (vista como igualmente volúvel) do discurso político, identificado como domínio “masculino”. A crítica da modista se constrói como uma sutil recodificação discursiva que “carnavaliza” a lógica da política, invertendo-a na medida em que a submete a padrões avaliativos próprios do domínio discursivo da moda. Numa outra vertente discursiva, sua interlocutora interpõe:

Sim, todos querem o santo para si, e o diabo para os outros... he certamente deplorável a nossa sorte . . . os homens tem arrogado á si todos os direitos; em quanto filhas somos subordinadas á nossos pais, cuja única vontade serve de Lei porque somos regidas; se acaso não temos vocação ao Estado conjugal, o Claustro medonho he a nossa sepultura em vida; alli somos oprimidas, e vexadas por huma impertinente mulher com a nome de Abbadeça, a quem às mais das vezes o fanatismo he quem lhe prescreve os preceitos para a nossa conducta moral; se o throno conjugal he o nosso destino, que milhares de vezes somos antes tratadas por bárbaros maridos não como companheiros amáveis, mas como escravas abjectas? e ainda neste estado a Senhora que se diz o mais feliz, não passa de huma ventura medíocre relativamente à dos homens; não lhe he dada liberdade alguma se não na administração de objectos domésticos, e nestes mesmos tem os homens tal e qual ingerência; aquelle quer que a família se governe segundo os seos dictames, outro não soffre que o arranjo interno se faça pela determinação da Senhora, e todos mais ou menos gostão de interferir nestes negócios da casa; ainda isto não he o mais; elles exercem esta influencia com hum certo ar de soberania, que sempre irrita o nosso soffrimento; em fim o estado Social no que respeita ao nosso sexo precisa também de suas *reformas*; cuidemos pois com mais seriedade neste particular; por minha parte estou resolvida a não me desabafar unicamente com a profusão das modas; tomaremos medidas mais sérias...” (*Mentor*, n.117, 1832, p. 923)

Neste caso, a interlocutora assume a denúncia e a oposição franca ao patriarcalismo vigente, como estratégias de resistência. Por esse intermédio, seu discurso reforça a discordância de que a moda seja solução para as vicissitudes de “bello sexo”. Contudo, esse tipo de discurso, em sua transparência, não nos deixa vislumbrar o que estaria incluído na proposta de “tomar medidas

mais sérias”, o que acaba convergindo para atender aos interesses do poder de afastar a mulher de domínios onde seu arbítrio possa ser exercido com maior liberdade.

Finalmente, observa-se que as mulheres não se restringiam a construir respostas à retórica política excludente ou ao senso comum que as mantinha presas a seus papéis sociais. Em certos momentos, elas encenam seu descontentamento de forma um tanto ousada. A rebeldia ou a “pirraça” é outra estratégia escolhida pelas mulheres para expressar sua discordância ao jornal. Citamos, como evidência disso, um último exemplo no qual o redator descreve um protesto grotesco, mas bastante original, arquitetado por uma modista contra a censura do *Simplício* à Deosa Caprichosa. O protesto se encarna em um “presente” enviado à redação do *Mentor* por uma leitora anônima:

Há poucos dias, que veio á nossa mão hum vestido de huma Senhora, cujas mangas (de mangação) pareceo-nos recheada de coisa que parecia papel; com effeito tivemos a curiosidade de revolver a tal presuntada; mas qual não foi a nossa admiração, quando vimos que a Senhorita os fabricára mesmo das folhas do Simplício? (*Mentor*, n. 114, 1832, p. 894)

Considerações Finais

A polarização do debate em torno da moda se dá como resultado da politização de um assunto reivindicado pelas mulheres como seu próprio domínio na divisão sexual do trabalho, um domínio reconhecido como aquele em que um saber supostamente feminino se institui e se impõe. Os exemplos aqui citados sugerem que o discurso sobre a moda articula a imagem unívoca da “pátria” veiculada pelo jornal, a qual é implodida na medida em que as mulheres buscam acomodar seus interesses específicos às propostas de uma identidade nacional homogênea, identificada, na versão masculina, com uma “americanidade” – traduzida no ideal de pureza e autenticidade que a distingue da europeia. Em contrapartida, as projeções de identidade – ou o sonho de nação – que emergem dos discursos das mulheres apontam para a hibridação cultural ou o tráfico intercultural como elemento dinâmico na formação de uma nacionalidade brasileira. Vale lembrar, contudo, que essa polarização do discurso em torno do tema da moda não traduz uma real dicotomia de gênero, visto que a moda, trazida da Europa pelos próprios homens, era adotada também por alguns destes. Assim, entendemos que o que está em jogo no debate das mulheres com os redatores do jornal é o direito feminino à atuação pública, envolvendo um dos raros lugares no mercado de trabalho onde a mulher das classes medianas podia atuar no início do século XIX.

Em manifestações silenciosas, como aquele do exemplo acima, ou mais eloqüentes, como comprovam algumas cartas enviadas à redação, verifica-se a atitude ativa dessas mulheres, ensaiando os primeiros passos de uma longa história de luta pelo respeito às suas visões de mundo, pelo direito de gerir o próprio destino e atuar no domínio público. O dissenso, expresso de forma direta ou indireta, está presente nas manifestações dirigidas à redação pelas leitoras do *Mentor*. Entre os diversos exemplos, encontra-se a mensagem de uma leitora que, contrariando os padrões da época, assina de próprio punho uma carta dirigida ao redator. Nela, após tecer comentários elogiosos às “liberaes instituições” e aos esforços patrióticos do *Mentor* em resgatar a mulher de seu estado de nulidade social, roga ao redator que transcreva não as suas opiniões, “mas as que em defesa do sexo amavel fornece a tão distincta, como eloqüente penna” de um certo Mr. Thomaz:

Se temos direito às virtudes, direi com este esclarecido Escriitor, porque não teremos igual direito ao elogio? a estima pública he de quem a sabe merecer; como pois roubar-se nos indistinctamente a sua doçura? ... vossa altiva vaidade incessantemente se occupa de encher a terra de estatuas, de mausoleos, e de inscriçoes, para procurar, se he possivel, eternisar vossos nomes, e viver ainda quando já não existir mais, vos nos condenareis à viver ignoradas? Vos quereis que o devido e hum eterno silencio seja a nossa partilha? Não sejais nossos tirannos em tudo; dai que nosso nome seja prensado algumas vezes fora do estreito recinto em que vivemos; soffrei que o reconhecimento; ou o amor o grave sobre o tumulo em que devem repousar nossas

cinzas; e não nos priveis d'essa estima publica que depois da estima de nos mesmas he a mais doce recompensa do bem fazer. ... Perdoe, Sr. Redator, tanta impertinência, e creia que com particular estima sou de v.m. respeitadora e criada

Maria Magdalena Felizarda de Mello

(*Mentor*, n. 112, 1832, p. 884-885)

Marcado pela eloquência, o discurso da leitora é também consciente dos limites e desafios que deve vencer, o que o faz apoiar-se nas idéias de Mr. Thomaz, portanto de um homem, a quem afinal se poderia imputar, sem maiores prejuízos, “tanta impertinência”. Por este gesto sutil de apropriação do discurso de um homem, a correspondente articula a denúncia da discriminação sexual como moto da história, expondo as formas de exclusão, deslocamento e silenciamento da mulher da esfera pública presentes até mesmo nas formas de “memorialização” masculina.

Em exemplos como este, a imagem da mulher dócil e submissa do Oitocentos desvanecese, revelando a *diferença* através de sua criatividade perturbadora e surpreendente. Gestos e traços de resistência, que a leitura de *O Mentor das Brasileiras* nos permite reconstituir e ouvir.

Referências Bibliográficas

- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity**. New York : Routledge, 1999.
- DEL PRIORE, Mary. **Revisão do Paraíso: os brasileiros e o estado em 500 anos de história**. Rio de Janeiro : Campus, 2000.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo : Contexto, 1994.
- FRANCO, Jean. Sentido e sensualidade: notas sobre a formação nacional. In: **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Heloísa Buarque de Hollanda (Org.). Rio de Janeiro : Rocco, 1994, p. 99-125.
- JINZENJI, Mônica Y. **A interlocução entre o periódico ‘O Mentor das Brasileiras’ e outros textos na produção e difusão de representações de gênero - Minas Gerais, 1829 a 1832**. Projeto de doutorado apresentado ao programa de Pós-graduação em Educação da UFMG, 2003 (mimeo).
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. In: **Caderno de Pesquisa**, n.104 p.144-161, jul. 1998.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**, Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1998.
- QUINTANERO, Tânia. **Retratos de mulher : o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeros do século XIX**. Petrópolis : Vozes, 1995.
- SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulheres reescrevendo a nação. **Revista de Estudos Feministas**. v. 8, n. 1, p. 84-97, 1º semestre 2000.
- SCOTT, Joan. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11-27, 1994.
- VERSIANI, Carlos et al. Mulher na América – visão empresarial. In: **Mulher – cinco séculos de desenvolvimento na América – Capítulo Brasil**. AUAD, Sylvia M. Von Atzingen Venturoli (Org.). Belo Horizonte : Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CREZ/MG, Centro Universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999, p. 89-192.

* Este trabalho constitui recorte de um projeto de pesquisa patrocinado pelo CNPq e intitulado: “Gênero e Memória Cultural: a mulher e as vozes da República em periódicos do século XIX”.

† Nas transcrições de passagens do periódico, optamos por preservar a grafia e a sintaxe originais.